



GT24 - Educação e Arte – Trabalho 799

## PROPOSIÇÕES DO EDUCADORARTISTA PARA A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL EM ARTE

Viviane Diehl – UFSM e IFRS – Campus Feliz

Valdo Hermes de Lima Barcelos – UFSM

Agência Financiadora: CAPES/FAPERGS

### Resumo

Este estudo contempla a temática educação, artes visuais e intercultural e tem como problemática compreender de que modo a constituição do educadorartista pode interferir na educação intercultural em arte para o Ensino Médio. Para tanto, propôs-se a identificar como se constitui o educadorartista, reconhecer como se configura seu processo pedagógico e artístico, bem como compreender de que modo esse posicionamento pode afetar a educação intercultural em arte para o Ensino Médio. As narrativas autobiográficas das educadoras, que são artistas visuais, compõem a metodologia deste estudo para a produção das informações, numa concepção de pesquisa em processo relacional. Os temas de interesse elegidos sinalizam a compreensão do significado dos encontros para compartilhar a experimentação da vida, da arte e da cultura, que atravessam a formação do educadorartista e sua atuação propositora estético-pedagógica num entre-lugar de liberdade e criação inventiva, como forma de conhecimento, para uma educação intercultural na qual o educando seja participante.

**Palavras-chave:** educadorartista; artes visuais; intercultural; educação.

Pensar o educador<sup>1</sup>, que não limita sua atuação aos espaços educativos, e artista, que não restringe sua atuação no campo artístico, movimenta este estudo sobre o educadorartista<sup>2</sup>, a partir de um lugar de pertencimento.

Ambos, educadores e artistas desenvolvem projetos criadores que demandam experimentações, iniciativas e pesquisas, para compor o que constitui a sua atuação e o que constitui a si mesmos, como educadorartistas. A condição de ser educador e de ser

---

<sup>1</sup> O educador mobiliza encontros, para que seja possível estabelecer relações e apropriações que suscitem a criação e a liberdade com atenção à cultura dos educandos, aos lugares que habitam, ao conhecimento, ao que pode provocar transformações (FREIRE, 2003; BARCELOS, 2013).

<sup>2</sup> A compreensão semântica da escrita do termo “educadorartista” – composto por aglutinação e definido pelos artigos que o antecedem – parte de uma vivência pessoal da pesquisadora, considerando uma trajetória que iniciou com a formação docente, no Ensino Médio para o Magistério. Assim, a palavra “educador” precede a palavra “artista”, numa formação que foi se constituindo ao longo da vida.

artista transpassa os percursos construídos permeados por inquietações, estranhamentos e problematizações, cuja diversidade e entendimento é objeto de estudos para vários pesquisadores.

Ao se posicionar e perceber-se, o educadorartista coloca em diálogo as culturas que habitam o entorno, propondo outras relações a partir de vozes, sentidos e perspectivas que refletem as influências culturais compartilhadas.

Sob uma perspectiva expedicionária se mobilizaram relações e significados para a compreensão deste estudo. “Olhar com olhos livres para as diferentes possibilidades do relacionar, do criar, do viver, do inventar, enfim, do educar e educar-se”. (BARCELOS; FLEURI, 2010, p. 277).

Desse modo, os educadorartistas que atuam na educação em Arte para o Ensino Médio, há pelo menos um ano, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), disponibilizaram-se a produzir informações para a pesquisa. Dentre elas, Elisa Iop<sup>3</sup>, do *campus* de Sertão, e Raquel Andrade Ferreira<sup>4</sup>, do *campus* de Rio Grande, com graduação na área de artes, mantêm a produção artística visual ativa e atual. Como colaboradoras, revelam suas identidades, pelo caráter público da produção artística de cada uma, que pode ser identificada, por considerarem demarcar um lugar que ocupam e a relevância do estudo para pensarmos o ensino da arte. O campo restrito de colaboradores configura uma abordagem que ainda demanda estudos a partir deste viés de atuação do educadorartista na Educação Básica, pois há um número mais expressivo de professores artistas<sup>5</sup> atuando nas graduações de Licenciaturas e Bacharelados em Arte.

A cultura é um entre-lugar onde as narrativas são transpassadas pelo que está posto, por vezes, com enfrentamentos e confrontos, num complexo campo que desafia as relações entre os participantes. Esse movimento permite a possibilidade de narrar, refletir e propor outras compreensões desse contexto e dos que estão nele envolvidos. É um espaço permeado de narrativas próprias, alheias, excludentes, individuais, coletivas, dominantes, sonhadas, criadas e vividas.

Para compreender o educadorartista, há que se considerar uma relação intersticial, onde não existem limites fixos para um lugar distinto do educador e do

---

<sup>3</sup> Entrevista concedida em julho de 2015, em Erechim, RS, na residência da educadorartista. Registro gravado em arquivo .mp3 (2h e 45 min.).

<sup>4</sup> Entrevista concedida em julho de 2015, em Pelotas, RS, na residência da educadorartista. Registro gravado em arquivo .mp3 (2h e 20 min.).

<sup>5</sup> A referência ao termo “professor artista” é usada de modo geral para indicar concepções abrangentes sobre o professor de arte e artista.

artista. As fronteiras são difusas, não há como definir onde um começa e o outro termina.

O interesse está em proporcionar encontros, para pensar o que representa esse entre-lugar, como ponto “intersticial”, promotor de possibilidades de acontecimentos, de relações, onde experiências e saberes se aproximam e se distanciam, num processo possível de participação, em que se movimenta a atuação do educadorartista, proponente de uma educação intercultural em arte.

### **Educadorartistas e suas proposições estético-pedagógicas**

O educadorartista é aquele que transita na educação em artes e na produção artística. Para a atuação como educador em Artes, considera-se a formação institucionalizada como licenciado e/ou bacharel. O educador em Arte, que é bacharel, demanda também uma formação que o capacite para a docência. Apesar disso, é fato que em muitas instituições o professor atua sem nenhuma formação específica na área de Artes.

A constituição do artista, que produz arte compartilhada na cultura que habita, pode se dar num percurso pessoal construído fora das instituições acadêmicas e/ou, ainda, pela graduação como bacharel. Os educadores proponentes na educação em arte e que produzem arte são os educadorartistas deste estudo. A experiência formativa do educadorartista é “pensada a partir das formas da sensibilidade e construída como uma experiência estética”. (LARROSA, 2013, p. 53).

Ao constituir-se como artista, desenvolve processos e produtos que intentam habitar o mundo. Ao habitar, provoca relações entre as pessoas e a arte na forma como atuam e dialogam, por meio de proposições fundadas na troca.

A prática do artista, seu comportamento enquanto produtor, determina a relação que está estabelecida com sua obra: em outros termos, o que ele produz, em primeiro lugar, são relações entre as pessoas e o mundo por intermédio dos objetos estéticos. (BOURRIAUD, 2011, p. 59).

O percurso vivenciado na produção poética movimenta relações interculturais, tensões, limites e aprendizagens do artista, para lidar com os desafios, as fragilidades e as rupturas que se interpõem na arte, ao criar e produzir.

Nos anos 1960, Oiticica se dizia criador, cuja ação era o próprio “ato de viver”, mais tarde passou a afirmar que a criação se determinava por um impulso e assume o

“estado de invenção”, que decorre de um processo da experimentação “para o que há de vir”. “Hélio concebia a experimentação com o rigor encontrado nas atividades de pesquisa científica”. Experimentar implica testar, verificar pelos sentidos, observar os efeitos. Se assim não fosse, “não possibilitaria a invenção”, sempre com a presença participativa do outro. (CARNEIRO, 2004, p. 156, 158).

A criação demanda a ação para produzir ideias, é da ordem do pensamento. Os processos experimentais em fluxo configuram o caráter da invenção. Assim, a criação inventiva como forma de conhecimento é suscitada nas proposições estéticas e pedagógicas do educadorartista.

A poética da criação perpassa as relações na produção plástica do artista, bem como perpassa a ação pedagógica do educador, que acontece no cotidiano do espaço escolar. Esse processo criativo inventivo pode, então, contribuir para o ensino da arte. O educador é o mediador, onde experimentações, relações dialógicas e reflexões críticas, com a participação dos educandos, possibilitam vivências contextualizadas na produção do conhecimento.

A atuação do educadorartista suscita experiências, promove a educação estética, demanda a participação das pessoas, pensada como definiu Oiticica (1986) no seu projeto do “experimental”. A proposta do “experimental”, que não é arte experimental, mas “um ato cujo resultado é desconhecido”, não se prende ao que já está posto. Essa “antiarte” convida o público a interagir com a obra, pressupõe a participação ativa na proposta artística que, por sua vez, abandona o culto à imagem e transpõe, para o corpo e para outros elementos, a experiência estética na arte. (1972 apud OITICICA FILHO, 2010, p. 109).

Essas proposições da experiência estética, operadas na arte e na educação, mediadas pelo educadorartista, podem permitir relações compartilhadas nos entre-lugares<sup>6</sup> (BHABHA, 2013), possibilitando outros sentidos e significados, para o aprender e o viver juntos na interculturalidade.

Lygia Clark (1968) e Hélio Oiticica (1986) concebem a proposição

da arte como uma relação que torna o que era conhecido num novo conhecimento e o que resta a ser apreendido, um lado poder-se-ia dizer

---

<sup>6</sup> O autor compreende entre-lugares como “emergência dos interstícios” que possibilitam os hibridismos culturais, onde as experiências coletivas são negociadas pela colaboração, pela contestação e pelo conflito, “como momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais” (BHABHA, 2013, p. 20). A escrita do termo “entre-lugar” vai ser mantida de acordo com a redação do autor, mesmo com a reformulação ortográfica.

desconhecido, que é o resto que permanece aberto à imaginação que sobre essa obra se recria. (OITICICA (1964), 1986, p. 66).

A abordagem estético-pedagógica é pensada como um percurso propositor, permeado pelo saber da experiência e mobilizado pelos educandos participantes. É atravessada pelas estratégias poéticas e educativas num contexto que congrega experiências artísticas, teóricas, práticas e didáticas, entre outras, que são produzidas a partir das conversas e dos fazeres que acontecem com a participação dos educandos.

O posicionamento propositor ultrapassa o campo pedagógico da organização disciplinar e oportuniza um saber compartilhado, operando num campo intercultural complexo; promovendo, com isso, a intervenção criativa e cooperativa num processo artístico educativo que pode mobilizar educandos participantes<sup>7</sup>. (BARCELOS, 2013; OITICICA, 1986).

As contribuições do campo da arte tencionam e podem ser capazes de mobilizar o contexto educativo que precisa ser revisto, para que haja tempo e lugar coerentes ao processo pedagógico. Um lugar onde se possa educar e aprender gerando e aproximando experiências imbricadas no entorno vivido.

Desse modo, busca-se um fazer estético-pedagógico, que não é estanque, que pressupõe assumir os riscos e limites interculturais, provocador de fluxos, de encontros e desencontros que intentam atender os limites e as possibilidades da diversidade. Esse fazer, portanto, problematiza o que perpassa esse entre-lugar, propondo outros modos de ser, dizer e viver, suspendendo o que foi conhecido até então.

Quando se propõe investigar, é pela inquietação e estranhamento em direção a expedições de busca, para que se possa inventar, para suscitar descobertas. Ainda assim, não são apenas descobertas, pois, esse percurso, por vezes, também reafirma, ou mesmo, ressignifica de outros modos o que é constitutivo até então.

Conhecer as narrativas da vida de Elisa Iop e Raquel Ferreira é saber de seus anseios e expectativas, perceber onde estão os distanciamentos e aproximações, com um olhar sensível e acolhedor para os modos de ser educadorartista. Reconhecer as singularidades, os sentidos atribuídos, os elementos mobilizadores que possibilitam

---

<sup>7</sup> Esta expressão de Hélio Oiticica (OITICICA, 1966) é usada para designar a participação do espectador, aquele que, ao interagir com a obra de arte, decorre também a transformar, a criar a obra, passando a fazer, assim, parte de sua autoria. E foi apropriada por Barcelos (2013, p. 103) ao propor “uma educação nos trópicos”, para designar o educando que passa de espectador a ator do processo educativo, sendo, assim, um participante atuante, um participante.

compreender quem são essas colaboradoras que se dispuseram a compartilhar o que vivem no cotidiano educativo e artístico.

As reflexões de suas atuações artísticas e docentes instauraram possibilidades de pensarem sobre si mesmas, a partir da dimensão do fazer, com a compreensão de que esse é um processo formativo indissociável, atravessado por tudo que cada uma narra, o que pode apresentar modos que contribuam para pensar a educação intercultural em arte como um lugar de encontro.

Para Elisa e Raquel<sup>8</sup>, a educadora e a artista são uma só, estão impregnadas uma da outra. A produção artística é influenciada pela docência, do mesmo modo que a docência é influenciada pela artista. Essa atuação compartilhada e relacional vai sendo atravessada pela artista e pela educadora num fluxo contínuo.

O percurso de constituição das educadorartistas, iniciado com a formação para a atuação como artista e posterior complementação para a atuação docente, ora se funde, ora se dispersa, mas se mantêm continuamente em interação, seria difícil separar.

As educadorartistas atuam produzindo continuamente as criações poéticas, participando de exposições e outros eventos, e atuam na docência perpassando ações no ensino, na pesquisa e na extensão dos espaços onde atuam. Instauram seus modos de exercer as proposições estético-pedagógicas no contexto educativo, a partir da experiência vivida e dos fazeres como artista e como educadora.

A partir da compreensão da prática compartilhada das educadorartistas, a perspectiva de proposições é central na escolha pedagógica, uma vez que desenvolve processos educativos criadores e inventivos que demandam estudo, pesquisa e experimentação na arte e na educação intercultural, como explicitado nas narrativas.

Quando eu vou propor alguma coisa para os alunos, a partir do que eu propor, cada um vai vivenciar de uma forma. Eu acho que aí está a grande riqueza, no trabalho enquanto docente, de observar e ver como cada sujeito experiencia aquilo e como eles vão trazer novos olhares em relação àquela experiência que eles tiveram. E é por essa formação, enquanto artista, eu me privilegio bastante, pois dou grande importância para essa parte deles experimentarem, deles vivenciarem, do trabalho de *atelier*, deles criarem em qualquer profissão que a pessoa venha a ter. (Elisa).

A experiência é uma condição na vida das educadorartistas, demarca um lugar significativo na atuação docente e na atuação como artista.

---

<sup>8</sup> A partir desta indicação, as colaboradoras são referenciadas pelo primeiro nome pelo envolvimento compartilhado no estudo.

A presença da arte nos processos educativos e artísticos vividos é o que movimenta as proposições estético-pedagógicas. As relações propositivas se dão pela arte como experimentação, do vivido e do que pode vir a ser conhecido. O experimental é a escolha por uma prática de liberdade nos estados de invenção. “O professorartista tem uma liberdade maior na hora de propor, até porque a gente tem a prática e, quando propõe, cria um espaço de liberdade“. (Raquel).

Raquel e Elisa propõem pedagogicamente, a partir do que elas experienciam como artistas, compartilhando com os educandos o seu processo criativo vivido no cotidiano, a fim de movimentar e produzir outros sentidos, por meio das escolhas que elegem para o desenvolvimento das aulas.

Eu sou pesquisadora em um grupo que se chama “Deslocamento, observância e cartografias contemporâneas”. A nossa prática artística é sair pela cidade em lugares mais abandonados, fazer ações, piqueniques, caminhar pela cidade, conhecer esses lugares. Eu também estou fazendo isso com eles (os alunos). Essa é outra questão que eles também precisam pensar, andar, olhar, observar, cartografar, a gente vai desenvolvendo isso. (Raquel).

A produção do educadorartista, que se realiza em processo, viabiliza experiências sensoriais, possibilidades de escolha, operadas com liberdade e, também, sinalizando o que pode ser posterior. Entre essas escolhas estão as produções de arte que podem ser de sua própria autoria, ou mesmo de outros artistas, bem como artefatos viabilizadores de experiências que conduzam à criação inventiva na produção dos educandos.

A educadorartista atua como propositora da experimentação, sendo cada vez mais aberta e dirigida aos sentidos. Na expansão da sensorialidade, instaura experiências artísticas e estéticas com a interação dos educandos. “Por que o que é o ensino da arte senão, tu trabalhares o sensível, porque eles (os educandos) não vão sair dali artistas”. (Raquel).

Elisa narra sobre a sua atuação educadorartista a partir das proposições de Paulo Freire, dizendo que vai desafiando os próprios alunos a proporem formas de trabalhar com o tema gerador: “Por que eu vejo assim, a partir da minha experiência enquanto artista plástica, pensar a questão da cultura, da realidade dos alunos, isso tudo vai muito da minha experiência também”.

Sobre as aulas de arte, Raquel disse que apresenta a proposta para os educandos e inicia o trabalho pelas produções práticas acompanhadas de orientações e problematizações. Na elaboração das informações, buscam uma forma de pensar juntos

para compreender conceitos e construir o conhecimento. Raquel destaca que os retornos são surpreendentes num contexto onde a proposta de educação é tecnológica, de formação para o trabalho de “apertar parafuso”. Na instituição que já tem uma tradição da formação técnica, construir outra perspectiva torna-se mais difícil pelas resistências que se apresentam.

Elisa conta que está sempre junto, orientando de modo que os educandos se envolvam, explicando acerca do que vai ser feito e de como fazer. Ela afirma que, por vezes, é um pouco mais difícil e procura deixar claros os procedimentos que costuma desenvolver.

A partir da proposição, no experimental, o resultado é desconhecido, cada um vai respondendo à sua maneira, buscando outros modos para experimentar e inventar, outras possibilidades para produzir. Cada um encontra uma forma de responder que lhe é própria. As proposições “tem uma orientação, eu acho que a palavra é essa, não é direcionamento, vamos criando, vamos pensando juntos. O espaço de liberdade deles está garantido, comigo pelo menos sempre está!”. (Raquel)

Educandos participantes inventam, realizam as experimentações, apresentam as produções, e o educadorartista vai explorando tudo isso, relacionando com os temas e conteúdos que constituem a ementa, o planejamento da disciplina, mas, também, para além disso, com atenção ao diálogo. “É a partir da prática que os alunos se tornam inventivos. Eu busco muito isso, a experiência prática, sem a prática eles não criam” (Raquel).

Os educandos trazem suas produções para compartilhar coletivamente, há uma atenção para criar, inventar, algo que pode mobilizar a romper com a rotina das aulas, da instituição, da vida, numa relação dinâmica de ensino e aprendizagem em parceria.

Raquel pondera que o processo de aprendizagem é significativo quando o aluno pode construir associações, “compreender e experimentar na prática, na vida e, assim, o conhecimento pode trazer mais sentido para o educando”. (Raquel).

Como educadorartista, Elisa considera que é necessário, constantemente, pensar a atuação, avaliar as proposições, metodologias, para inventar outras possibilidades que avancem na educação em arte.

É o que eu penso sobre as oficinas que eu quero fazer e, também, desenvolver o meu trabalho artístico junto com eles (educandos), retomar as propostas coletivas. Nas turmas, tem alguns educandos que se identificam mais e vão querer fazer parte e vamos lançando propostas juntos, fazendo intervenções com a arte. Então temos essa participação colaborativa, onde cada um pode



compartilhar seus saberes, envolvendo mais alunos, a comunidade. De alguma forma, trazer junto o projeto artístico que eu fazia. Eu penso nesse sentido, então, da experimentação com as linguagens da arte. (Elisa)

Aprender pela prática de atelier, com implicações no âmbito do fazer, emprega elementos com potencial educativo proporcionado pela arte. Não é uma prática solitária, mas em cooperação, fundada no diálogo e na experimentação. O educando pode se perceber participante nas condições que são proporcionadas coletivamente, com especial atenção para o sensorial, o afetivo, o criativo, o investigativo e o fazer prático.

A arte pode impulsionar e fazer a diferença quando compreendida como possibilitadora de processos educativos que disparam estados de criação inventiva. Nesse sentido, a produção artística toma proporção experimental ampliada para as experiências na arte e na vida, cujos valores estão no âmbito das estruturas perceptivas sensoriais e dos acontecimentos. A arte como geradora de uma educação estética, num processo educativo que tenha significado para os educandos participantes.

Ao mesmo tempo em que desafia, nos apresenta possibilidades para os modos de ensinar e aprender, como uma prática cultural vivida no contexto das relações coletivas que podem acontecer a partir da arte.

Ao influenciar estados de afetividade, a arte não depende da materialidade. Configuram-se campos da expressão num lugar próprio de preparação e de interação que possibilitam a vivência e a compreensão.

Nem sempre é possível movimentar a poética de ser educador e de ser artista, as escolhas para os processos artísticos, para os modos de ensinar e de aprender, para as ações pedagógicas com proposições de interesse para a vida. O processo de ensino e de aprendizagem é construído numa jornada que não se faz sozinho e que se propõe incompleto a partir de encontros que produzem experiências, que deflagram escolhas, que provocam invenções.

A potência da experiência vivida, do experimental, da sensorialidade na participação de forma direta, pelo gesto, pela ação, constitui a proposição estético-pedagógica. Dispor-se a experimentar possibilita estados de invenção para outros modos de atuar e lidar com os acontecimentos instáveis dos entre-lugares interculturais.

Como educador-artistas, é estabelecido um entre-lugar de convivência intercultural com diálogo e liberdade, habitado pela arte e pelas relações que podem provocar, pensado um contexto estético-pedagógico propositivo compartilhado a partir

da experiência e dos saberes vividos, que movimentam a criação inventiva dos educandos participantes.

Entretanto, não atuam apenas educadorartistas nas instituições e pode-se pensar os atravessamentos provocados a partir do que é vivido na educação propositora, pela experimentação e participação, para compartilhar com outros atores da docência.

Este estudo, para compreender a atuação do educadorartista na educação intercultural em arte, a partir da proposição estético-pedagógica, desafia para outros encontros ainda possíveis, pois não se limita ao que foi apresentado. Desafia para que as contribuições sejam compartilhadas e vislumbra ampliar diálogos com os educadores de modo geral, no sentido de propor aos educandos a participação intercultural, que convida à experimentação, à criação inventiva e à movimentação, para produzir saberes com aqueles que estiverem interessados em compartilhar.

## Referências

BARCELOS, Valdo. *Uma educação nos tópicos: contribuições para a antropofagia cultural brasileira*. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_; FLEURI, Reinaldo Matias. Antropofagia cultural brasileira e educação ambiental – a construção da reciprocidade antropofágica no Brasil e partir do contexto latino-americano. *Revista Espaço Pedagógico: Educação Intercultural*, Passo Fundo, v. 17, n. 2, p. 267-278, jul /dez 2010.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CARNEIRO, Beatriz Scigliano. *Relâmpagos com claror: Lygia Clark e Hélio Oiticica, vida como arte*. São Paulo: Imaginário, 2004.

CLARK, L. C. *Livro-obra* (1968). Rio de Janeiro, 1968 (republicado no Catálogo da Fundación Antony Tàpies, Barcelona, 1997). Disponível em: < [http://www.lygiaclark.org.br/arquivo\\_detPT.asp?idarquivo=25](http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=25)>. Acesso em: 25 jan. 2014.

FERREIRA, Raquel Andrade. *Entrevista I*. [jul. 2015]. Entrevistador: Viviane Diehl. Pelotas, RS, 2015. 1 arquivo .mp3 (2 h 45 min.).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 28 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

IOP, Elisa. *Entrevista I*. [jul. 2015]. Entrevistador: Viviane Diehl. Erechim, 2015. 1 arquivo .mp3 (2 h 20 min.).

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

OITICICA, Helio. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. Disponível em: < <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2014/02/helio-oiticica-aspiro-ao-grande-labirinto.pdf> >. Acesso em 12 ago. 2015.

OITICICA FILHO, Hélio. *Encontros*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009.